

A unidade do conhecimento

Olavo de Carvalho

Texto-base para a aula de 27 de maio de 2013 do *Seminário de Filosofia*

Bernhard Bolzano começa sua famosa *Teoria da Ciência* definindo a totalidade dos conhecimentos humanos como o conjunto completo das proposições verdadeiras e reconhece que esse conjunto é inabarcável em qualquer momento da existência histórica real. Mas, na realidade, o conjunto é maior ainda, pois o conhecimento não consiste somente nas verdades estabelecidas e sim também no conjunto de hipóteses, interrogações e conjeturas que as enquadra e lhes assegura um lugar na ordem hierárquica das preocupações humanas.

Mais ainda, em qualquer momento da história real, o conjunto dos conhecimentos facilmente acessíveis e consensuais, mesmo entre os homens mais sábios, é apenas um fragmento, um subconjunto da totalidade aludida por Bolzano, sem contar o fato de que mesmo esse subconjunto não é acessível a todos ao mesmo tempo, mas se distribui, em recortes e partículas, entre vários grupos cuja intercomunicação pode ser deficiente ou nula.

A idéia de “unidade do conhecimento” pode evocar, à primeira vista, um núcleo compacto de princípios universalmente explicativos a que se reduziria, idealmente, o “conjunto das proposições verdadeiras”. Se este conjunto não é abarcável, muito menos poderá jamais ser testada a veracidade de tais princípios magnos que, de fato, nunca foram encontrados.

Mesmo na hipótese remotíssima de que se alcançasse amanhã ou depois a tão sonhada “teoria unificada” da ciência física, seria no mínimo arriscado ver nela a unidade de todos os conhecimentos humanos, pois o caminho que vai desde esse centro imperial até às suas aplicações aos mais variados domínios da interrogação humana é de extensão ilimitada e eternamente impercorível.

No entanto, seria inviável aceitar a completa ausência de unidade como o destino fatal a que está condenado para sempre todo conhecimento humano. O fragmentário, o inconexo, é, por definição, o irracional, e é inadmissível que um caleidoscópio de irracionalidades mereça, por si só, o nome de “conhecimento”. Todo conhecimento é, no fim das contas, um esforço para subir da multiplicidade caótica das impressões imediatas a algum nexos superior que as unifique. O conhecimento *consiste* na busca da unidade --de unidades parciais, no início, as quais só adquirem sentido na medida em que depois vão se aproximando da unidade absoluta sem nunca poder atingi-la, como numa assíntota.

Isso implica que, em cada momento dado, os pontos mais altos do conhecimento obtido, mesmo na hipótese utópica de que angariem em seu favor o consenso dos sábios, ainda seriam no máximo uma articulação provisória de fragmentos que, se aponta para uma unidade possível,

não pode nunca jurar devotamente que essa unidade estará na direção precisa em que o consenso espera encontrá-la, e não numa direção diversa ou oposta, ou mesmo em direção nenhuma. Resta o fato, empiricamente constatado a todo instante, de que esse consenso não existe: mesmo as teorias mais respeitadas universalmente sofrem interpretações diversas e mutuamente incompatíveis, ao mesmo tempo que a massa dos conhecimentos disponíveis -- a qual, por si mesma, já nem corresponde à totalidade dos conhecimentos humanos, e muito menos à totalidade do conhecimento possível -- se distribui entre comunidades e grupos de estudiosos de maneira fragmentária, desigual e com freqüência rebelde a toda tentativa de intercomunicação e diálogo.

Para piorar as coisas, é evidente que, se cada um dos membros individuais desses grupos e comunidades fosse totalmente desprovido de alguma visão unificante do seu campo de trabalho e das relações dele com outros campos próximos e remotos, ele estaria num tal estado de desorientação que todo diálogo entre ele e os seus pares, para não falar dos estudiosos de outras áreas, seria completamente inviável.

O leitor deve ter reparado que, nos parágrafos anteriores, viemos descendo desde a totalidade universal bolzaniana até o modestíssimo esboço virtual de unidade -- provisório, nebuloso e altamente problemático -- que aparece na escala da consciência individual do cientista, do filósofo, do estudioso em geral. A diferença de escala é aí monstruosa. Os homens mais cultos de todos os tempos foram provavelmente Aristóteles e Leibniz. No entanto, como é modesto o seu horizonte cognitivo se comparado com a imensidão das culturas das quais não lhes chegou notícia, ou chegou parcial, distorcida e, no fim das contas, errada! Não só é imensurável a distância entre a totalidade dos conhecimentos humanos (para não falar na dos conhecimentos possíveis) e o microcosmo da síntese individual, mas esta não dá conta sequer dos conhecimentos disponíveis em qualquer momento definido da história, em escala planetária.

No entanto, uma coisa é clara: sem a possibilidade da síntese individual, as idéias mesmas de “totalidade dos conhecimentos possíveis”, “totalidade dos conhecimentos humanos” e “totalidade dos conhecimentos disponíveis num momento histórico” seriam totalmente inconcebíveis. Afinal, essas mesmas idéias não passam de traços deixados, ao longo do caminho histórico, pelas mentes individuais que as conceberam e formularam. Se somente a espécie humana inteira, existente e por existir, pode ser detentora da “totalidade dos conhecimentos humanos”, essa mesma humanidade, pela sua extensão numérica e distribuição no espaço e no tempo, não poderia jamais reunir-se para conceber a unidade virtual e sintética de conhecimentos que existe em cada uma das mentes individuais. Aí parece que é mais fácil o grande caber no pequeno, ao menos como unidade conceptual virtual, do que o pequeno caber no grande.

26 de abril de 2013